



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

REPÓRTER X: SEMANÁRIO DE GRANDES REPORTAGENS E DE CRÍTICA A TODOS OS ACONTECIMENTOS SENSACIONAIS DE PORTUGAL E ESTRANGEIRO¹ – misto de jornal-revista, ou jornal com capa, fundado e dirigido por Reinaldo Ferreira (1898-1935)ⁱ – repórter, escritor, dramaturgo e cineasta, que se tornou celebre sob o pseudónimo “Repórter X” –, em parceria com o seu irmão Ângelo de Azevedo Ferreira, que assumia as funções de «Director-Gerente, Administrador e Editor»; a equipa inicial inclui também o jornalista Mário Domingues (1899-1977)ⁱⁱ como «Chefe de redação», e o jornalista Guedes de Amorimⁱⁱⁱ.

A vida do semanário de «grandes reportagens» desenrolou-se entre 9 de Agosto de 1930 e 7 de Junho de 1933, concretizando 130 números.² Foi durante esses anos que foi definida uma solução político institucional para o país que, desde Maio de 1926, vivia tutelado por uma ditadura militar, à espera que as elites políticas e económicas encontrassem um modelo e um projeto que assegurasse a estabilidade social e o desenvolvimento económico que todos ansiavam. Oliveira Salazar, que a partir de Junho de 1932 se tornou chefe do governo da ditadura, destacou-se como o obreiro da construção do edifício do novo regime, que foi definido como um «Estado corporativo», de natureza antidemocrática, antiparlamentar e antiliberal. O Estado Novo, como era designado, teve a sua lei fundamental, a Constituição, aprovada em plebiscito a 16 de Março de 1933.

A equipa de redatores e colaboradores que assegurou a sua produção não foi estática, pelo contrário, evoluiu bastante no tempo. No primeiro ano, contou com a colaboração de Rocha Martins (1879-1952), à época proprietário da revista *ABC*; Ernesto Belo Redondo (1900-1957); Américo Faria (1905-?); João Paulo Freire (1885-1953), sob o pseudónimo «Frei Gil d’Alcobaça»; Augusto Ferreira Gomes (1892-1953), Eduardo Frias (1895-1953); Artur Inês (1898-1968); José Maria Marques Costa Júnior (?-1987); Tomás d’Almeida; Ilídio Ferreira; Guido Ruivo; César Pulimo; o fotógrafo Armando Seródio (1907-1978); os ilustradores Iberino dos Santos e Stuart Carvalhais (1887-1961), o caricaturista TOM, entre outros. Mais tarde, outros jornalistas se associaram ao projeto, nomeadamente: Alberto Lima, António Boto (1897-1959), Fernando Cal, J. Vieira Alves, Hugo Rocha (1907-1933), Guido Severo, Santos Pereira, Alfredo Marques (1894-?), Artur Portela (1901-1959), Álvaro Anselmo, Jaime Brazil (1896-1966), Norberto Araújo (1899-1952), Sá Pereira, Lino Pinto, Herculano Pereira, Aragão Paiva; e também o ilustrador Octávio Sérgio (1896-1965).

No início, saía aos sábados e era «posto à venda simultaneamente em todo o país», além de admitir o envio para as colónias e estrangeiro. Praticava um preço acessível, "popular", por comparação com outras revistas similares: o número avulso

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/reporterx/reporterx.htm>.

² Na verdade, para salvaguarda do título ainda saíram os números 131 a 137, mas já sem atender à periodicidade definida.

era vendido a 1 Esc.; e a assinatura variava entre os 11\$50 (trimestre), 22\$50 (semestre) e 44\$50 (ano).³

«REPORTERXIZAR» A REALIDADE

Vale a pena sublinhar desde logo o facto inédito de estarmos perante um jornal que chamou ao título o nome, ou melhor o pseudónimo que identificava o seu fundador e principal dirigente: Reinaldo Ferreira. Na verdade, era o terceiro periódico que Reinaldo Ferreira lançava, no espaço de um ano – mais à frente haverá ocasião para os recordar. Para já, importa considerar que essa decisão, inédita, traduzia, a confiança que Reinaldo Ferreira depositava na popularidade do «Reporter X», que fizera a sua estreia no jornal *A Tarde* (1923-27), como autor de uma série de artigos que denunciavam o ambiente de repressão vivido em Espanha, durante a ditadura de Primo de Rivera. Desde aí, a prosa do *Reporter X*, criativa, emotiva, sensacionalista, justiceira, conquistou a simpatia do público, definindo um “estilo” que se difundiu por uma série de jornais e revistas de grande projeção, aos quais Reinaldo Ferreira ofereceu a sua colaboração.

Em 1930, quando lançou o semanário *Repórter X*, publicava, pelo menos, na *ABC: revista da vida Portuguesa, Ilustração e Magazine Bertrand*. Todas elas saudaram o aparecimento do novo “concorrente”, desejando-lhe uma vida de sucesso. Evoca-se aqui um trecho do artigo de página inteira que foi publicado na revista «ABC», pelo valor do testemunho sobre o fenómeno jornalístico que Reinaldo Ferreira corporizava: «A sua maneira tão pessoal e inconfundível creou-lhe um publico fiel que o segue para onde quer que êle vá. A sua entrada para um jornal traduz-se logo por um acréscimo imediato de leitores. É que poucos escritores como Reynaldo Ferreira, possuem o segredo de prender a curiosidade das multidões. A sua prosa viva e dúctil, de uma espontaneidade sugestiva e fulminante, longe de enfastiar, tem o condão de aguçar o interesse dos leitores num crescendo entusiasmo que só pára quando, terminada a leitura, se desvenda a ponta de mistério com que Reynaldo sabe sempre valorizar os seus escritos.»⁴

Qual era, afinal, o segredo do êxito jornalístico de Reinaldo Ferreira? A resposta parece estar no modo como percecionava a atividade jornalística, ou seja, o seu entendimento sobre a missão da imprensa e do jornalista, naquele tempo. A sua visão – partilhada, certamente, com muitos dos colaboradores do *Repórter X* – foi diversas vezes explanada no semanário, sobretudo no editorial «Homens & Factos do Dia».

Pelo seu propósito pedagógico (real ou simulado), evocam-se os seus «*Conselhos a um futuro jornalista*», publicado ainda no primeiro ano do semanário, como resposta a um jovem admirador, que se sentia tentado a seguir a profissão: «Faça da sua pena de jornalista uma agulheta para desencardir as maquilhagens da hipocrisia, da hipocrisia que artificializa a honra e oculta o crime, do crime que consegue a impunidade subornando ou ferindo. É esta a mais doirada gloria da imprensa, o mais digno orgulho do jornalista.»; «Saber que existe «alguem» cuja vida é um continuo triturar de almas e de vidas, sem escrúpulos nem piedade; dalguem que cometeu sempre e comete e cometerá toda a casta de infâmias e que é acolhido como o mais

³ A título informativo, refira-se que o preço do número avulso praticado, à época, por outras revistas similares, como a *ABC : revista portuguesa*, o *Notícias Ilustrado* ou a *Ilustração* era 1\$50.

⁴ Cf. “Um grande êxito jornalístico. O jornal do Repórter X”, in *ABC : revista da vida portuguesa*, de 14/08/1930, p. 8.

honrado dos homens; dalguem que caminha marginado pelos gritos e lamentos das vítimas e consegue isolá-los, como gafosos, gozando a impunidade e a consideração dos que desconhecem a verdade; dalguem que já foi varias vezes vagamente atacado mas obteve desta ou daquela forma o silencio dos atacantes; e abrir fogo higiênico contra esse alguem, vingar as vítimas e abrir os olhos aos iludidos, revelar a verdadeira personalidade do bandido com a certeza que nem o suborno nem o mêdo nos desviarão do caminho traçado – que apoteose dentro da nossa consciência! Que admirável profissão a que nos concede essa orgia de bem!»⁵

Encontra-se uma definição semelhante sobre a missão do jornal e do jornalista no artigo que assinalou o primeiro aniversário do semanário *Repórter X*: «Pelo dinamismo estranho que o anima, pelo pensamento que dêle se desprende, pelo que nele existe de sonho, de aspiração de beleza e de equidade, de revolta ante a injustiça e de cavalheirismo na defesa dos fracos e oprimidos, um jornal quando cumpre a alta missão social que lhe está destinada na existência dos povos, vive como um ser humano, é um valor tão representativo na sociedade como um cidadão que discute, vota, combate, luta pela vida – um cidadão de actividade excepcional gigantesca que sozinho enfrenta, por vezes, as ambições mais ilegítimas, os grupos mais aguerridos, os inimigos mais poderosos.»⁶

É inequívoca a defesa de um jornalismo socialmente comprometido, orientado pelos valores da Verdade, da Justiça, do Bem, da Liberdade, etc., e por isso mesmo ativo, atento, escrutinador e “justiceiro” – Reinaldo Ferreira também era conhecido como o «Cavaleiro da Verdade». Foi, portanto, esta matriz conceptual que esteve subjacente ao trabalho jornalístico de Reinaldo Ferreira, enquanto *Repórter X*, dos que alinharam com ele no projeto do semanário, orientando-o quer ao nível da seleção das matérias – crimes financeiros e de sangue, fraudes, negócios sórdidos, casos de espionagem, investigações policiais, escândalos com vultos famosos, paixões proibidas, personalidades e acontecimentos históricos marcantes e fraturantes, projeções futuristas e também dramas sociais, questões civilizacionais, horrores da guerra, catástrofes naturais e grandes desastres, revoluções, conspirações, etc. –, quer na forma de abordagem e de apresentação, com preferência pela reportagem e pela entrevista, e também incluía a notícia, a opinião, a crónica, e textos de cunho mais literário, referenciados por títulos muito apelativos e sensacionalistas, e articulados com fotografias e ilustrações igualmente sugestivas e espectaculares.

Este modo de fazer jornalismo – que se propunha «reporterxizar»⁷ a realidade – generalizou-se a partir da Grande Guerra, fazendo-se espelho de uma Europa destruída, economicamente desarticulada, sobretudo a partir da crise financeira de 1929, e profundamente dividida sobre a capacidade de se regenerar mantendo-se fiel à sua matriz democrática e liberal. Foi, portanto, um tempo marcado pela incerteza, que colocou em confronto interesses e ideias difíceis de enquadrar e concertar. Portanto, ao dar visibilidade a uma série de casos e assuntos, que eram o reflexo desse ambiente de crise, ampliando a sua faceta mais dramática ou malévola, os “reporteres x” assumiam-se como interlocutores dos sentimentos partilhados por largas franjas de público, mas de certa forma também condicionavam o sentido e a velocidade para a sua solução – daí, possivelmente, o seu êxito intenso, mas efêmero.

⁵ Cf. “Homens & Factos do Dia”, in n.º 9, de 4/10/1930, p. 3.

⁶ Cf. “Uma reportagem do primeiro ano de existência do *Repórter X*”, in n.º 52, de 1/08/1931, pp. 8-9 e 12-13.

⁷ Cf. “Homens & Factos do Dia”, in n.º 8, de 27/09/1930, p. 3.

Assim o entendia Mário Domingues, como se extrai desta sua reflexão: «O triunfo da reportagem na literatura acentuou-se espantosamente depois da guerra. O espírito público, com a sua sede de verdade, com a sua ânsia, aguçada pelas tragédias guerreiras, de ver, através da literatura, as grandes hecatombes, de sentir, através da palavra escrita, as emoções angustiosas de uma vibração que a fantasia romanesca jamais alcançou, de um horror tão intenso que faz empalidecer o inferno imaginário de Dante, exigiu do escritor a grande, a alta reportagem da vida.»⁸

Quanto à vertente ficcional da produção jornalística de Reinaldo e da restante equipa do *Reporter X*, criticada por muitos, incluindo alguns jornalistas, era assumida e justificada em razão do seu «fundo de verdade», do impacto público e da eficácia: «Quando não rigorosamente exactas em certos pormenores, são-no na essência. Por vezes, a linguagem de que as revestimos, os nomes supostos que lhes arranjamos, e a sucessão melhor combinada de certos quadros, são como os vestidos e os adornos para certos corpos de mulher – embelezam-nos sem lhes alterarem a linha impecável e escultural. (...) Acontece também abordarmos um acontecimento ocorrido, por exemplo, no Norte, descendo entre êle e o público «o manto diáfano da fantasia». E, caso estranho, logo recebemos cartas do sul e do centro do país felicitando-nos pela maneira admirável como focámos o caso de Fulano e Beltrano que os nossos correspondentes «muito bem conheceram sob o disfarce de outros nomes e outras terras». Os casos de que eles nos falam, em bôa verdade, eram para nós absolutamente desconhecidos – mas ficámos-los conhecendo, mercê de uma reportagem feliz que os fez vir à superfície.»⁹

PROGRAMA E ESTRUTURA EMPRESARIAL

Como Reinaldo Ferreira confidenciou no editorial do primeiro número, o *Repórter X* representava a materialização de uma «ambição» que alimentava há muito tempo, equiparável à que fazia sonhar «todos os officiaes de barbeiro por mais bem colocados que estejam e por mais quantiosas que sejam as gorgetas». Apesar do sucesso que alcançara como jornalista-repórter, o seu sonho não foi fácil de concretizar: já somava «dois partos» frustrados.

O primeiro, foi o semanário ***Homens & Factos do Dia : Semanário da Vida Mundial***¹⁰ lançado a 3 de Agosto de 1929, tendo como editor Carlos Moreira; suportado por uma estrutura «provisória», geograficamente distribuída entre Barcelos (redação e oficina tipográfica) e Porto (escritórios), não foi além do segundo número (10/08/1929). Reinaldo recordava esse quase “nado-morto” como «fructo de uma improvisação imposta pelos que [o] queriam amordaçar».¹¹ Uma alusão ténue ao seu saneamento do *Primeiro de Janeiro*, diário do Porto, por motivo de umas reportagens sobre o enriquecimento ilícito de alguns comerciantes daquela cidade, durante a I Grande Guerra, à custa de libras falsas e fornecimentos clandestinos aos alemães. Essas reportagens foram sendo publicadas não só no diário portuense, como em outros jornais de expressão nacional, dando grande projecção ao caso; refira-se ainda

⁸ Cf. “Homens & Factos do Dia”, in n.º 59, 19/09/1931, p. 3.

⁹ Cf. “Homens & Factos do Dia”, in n.º 18, de 3/12/1930, p. 3.

¹⁰ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/homens&factosdodia/homens&factosdodia.htm>

¹¹ Cf. “Homens & Factos do Dia”, in n.º 1, de 9/08/1930 p. 3.

que o tema continuou a ser explorado nos semanários que Reinaldo fundou, incluindo no *Repórter X*.

Também vale a pena sublinhar, como expressão da resiliência de Reinaldo, que o título do seu primeiro semanário adotou o nome da secção que assinava no *Primeiro de Janeiro*¹² – mas não o seu pseudónimo, que só foi usado no segundo periódico. No n.º 1 do *Homens & Factos do Dia*, Reinaldo denunciou as pressões para o silenciar.¹³

Do segundo «parto» nasceu ***O Jornal do Repórter X : Semanário da Vida Mundial***¹⁴, que foi posto a circular a 12 de Outubro de 1929. Apresentava as mesmas fragilidades do anterior: além de «Director», Reinaldo fazia a «redacção»; Ilídio de Sousa dava a cara como «Editor»; e os serviços administrativos e a oficina tipográfica estavam disseminados por três cidades (Barcelos, Lisboa e Porto). Ao fim de três números – quando «a tiragem crescia de semana para semana até atingir 20:000 exemplares o que levou a citada máquina [impressora] ao leito...»¹⁵ – foi extinto.¹⁶

Passados 7 meses, confiante no que indiciavam as tiragens alcançadas, e valendo-se desses números e possivelmente das receitas geradas, Reinaldo Ferreira reuniu apoios e preparou-se para um novo «parto»: agora, do *Reporter X*. O próprio Reinaldo reconhecia que o jornal não tinha a «qualidade gráfica» que idealizara ou seria expectável. Mas também assume que não era esse um objetivo prioritário do seu semanário, o importante é que «Veste democraticamente. O que pretende sim é ser lido com interesse; praticando esse jornalismo desprezado pelos madraços e pelos apáticos que é o jornalismo vida e acção; o jornalismo do acontecimento palpitante, da verdade oculta, da surpresa que emociona – o jornalismo de reportagem e de fim de semana, do comentário e da crítica – livre como as azas...»¹⁷

Nesse sentido, Reinaldo considerava condicionador reservar espaço no semanário para tratar determinadas matérias, ou seja, definir-lhe uma orgânica fixa, assente em secções, e por isso não as criou: «A sua única secção é a vida, são os acontecimentos, é o que os seus repórteres descobrem, é a política ou a finança, é o crime ou a literatura, é o sector onde o alçapão mágico do Acaso disparar o Mefistófeles de uma reportagem sensacional.»¹⁸ Mas a prática também impõe os seus ditames e o *Repórter X* acabou por sustentar algumas secções, como o «Homens & Factos do Dia» (editorial); a «T.S.F. X», para intercetar o que se diz (criado no n.º 9); «Teatro», assumida como «secção» e criada com o objetivo de resgatar a arte da crise em que medrava (criado no n.º 73); e, mais tardiamente, a secção de passatempos (batalha naval, palavras cruzadas, etc.), além disso publicava reportagens e artigos continuados ou em série.

Também não possuía uma estrutura física ou empresarial muito sólida: a «redacção, administração e publicidade» eram em Lisboa, no Rossio n.º 3, e ao que parece «não passava de um quarto de hotel»¹⁹; a oficina tipográfica (composição e impressão), de pequena dimensão, estava no Porto, em Cancela Velha n.º 39; a distribuição pelos

¹² Mais tarde, recuperou-o para o editorial do *Repórter X*.

¹³ Esse e outros “ataques” foram também recordados no “Homens & Factos do Dia” do n.º 37, 18/04/1931, p.3.

¹⁴ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/ojornaldoreporterx/ojornaldoreporterx.htm>

¹⁵ Cf. “Homens & factos do Dia”, n.º 1, 9/08/1930, p. 3.

¹⁶ A coleção da Hemeroteca está incompleta: falta o terceiro de quatro números, datado de 2/11/1929.

¹⁷ Cf. “Homens & factos do Dia”, n.º 1, 9/08/1930, p. 3.

¹⁸ Cf. “Teatro”, in n.º 73, de 25/12/1931, p. 20.

¹⁹ Cf. SUCENA, Eduardo - «O Fabuloso Repórter X». Lisboa: Veja, 1.ª ed., 1996, p. 101.

pontos de venda avulsa e expedição para os assinantes era assegurada pela empresa do *ABC e do ABC-zinho*.²⁰ A situação não tardou a revelar-se insuficiente para garantir a consolidação da empresa. Logo que a recetividade e fidelidade do público ficou traduzida no crescimento das tiragens, procuraram na capital uma sede e uma oficina tipográfica adequadas. No final de Setembro (n.º 8), a redação e serviços administrativos já estavam instalados no 3.º piso do referido edifício no Rossio, e abriram uma «Delegação no Porto», na Rua do Almada, 10; a composição e impressão passaram a ser asseguradas pela Tipografia Silvas, Lda, na Rua D. Pedro V, 120, em Lisboa.

Ao longo do ano seguinte (1931) foram sendo anunciadas novas mudanças, na maioria das vezes justificadas pelo sucesso do jornal. Mas parece que a história envolvia razões menos felizes. Referimo-nos à dependência de Reinaldo Ferreira da morfina e às repercussões desse problema na vida do semanário, que era uma espécie de emanação da sua personalidade²¹. No semanário foram sendo publicadas notícias sobre o seu estado de saúde, os tratamentos médicos a que se sujeitou (sem aludir explicitamente à dependência da morfina) – o que ditou o seu afastamento temporário, a aproximação de novos colaboradores e a saída de outros, progressivas alterações na linha editorial, etc. –, sobre o movimento de apoio e as homenagens que lhe prestaram amigos, colegas de profissão, artistas e outras figuras públicas, e também se descobrem alguns desabafos, promessas e outras divagações do próprio Reinaldo.²²

Quanto às mudanças de instalações e na própria estrutura orgânica do *Repórter X*, atingiram um ritmo mensal, insustentável: em Janeiro, foi anunciado que as tarefas de distribuição e expedição do jornal passavam a ser asseguradas pelos serviços administrativos do semanário; em Março, Reinaldo Ferreira assumiu em exclusivo a propriedade e a direção do semanário, e o «Administrador e Editor», Ângelo de Azevedo Ferreira, foi substituído por Pedro Santos;²³ no início de Junho, a «composição e a impressão» foram concentradas na Bertrand (Irmãos), L^{da}, na Travessa da Condessa do Rio, 27 – Lisboa, após um episódio de divisão do serviço com a Empresa do Anuário Comercial, na Praça dos Restauradores, 24; simultaneamente, verificava-se a transferência da delegação do Porto para a Rua da Fábrica, 11 2º;²⁴ nesse mês ainda, a «propriedade exclusiva» do *Reporter X* passou para Carmen Cal, esposa de Reinaldo Ferreira, e este passou a figurar apenas como «Director e Editor»;²⁵ em Agosto, o endereço da «Redacção, Administração e Publicidade» foi parar à Rua do Alecrim, n.º 65, que pertencia às oficinas gráficas da Sociedade Editorial «A B C» L.da (ocupava as portas 59 a 65), onde o semanário passou a ser composto e impresso²⁶; em Janeiro de 1932, foi dado conhecimento que aquela mudança se processara no quadro de um contrato de concessão do «exercício da administração da Empresa do Reporter X» a Mimon Anahory, co-fundador com Rocha Martins, das revistas *ABC*, que vigorou entre 3 de Agosto e 31 de Dezembro de 1931 – na mesma altura, o público foi também avisado que a Empresa Reporter X

²⁰ Cf. «O desenvolvimento dos nossos serviços administrativos», in n.º 24, de 17/01/1931, p. 7.

²¹ A divulgação do consumo de drogas a seguir à Grande Guerra e o contrabando que o sustentou foi abordada por Mário Domingues no n.º 44, de 6/06/1931, pp. 11 e 13.

²² Cf., por exemplo, os n.ºs 13, 22 (espécie de confissão, de natureza metafórica), 28, 39, 95, 108, 110, entre outros.

²³ Cf. «Ficha técnica» do n.º 33, de 21/03/31, p. 3.

²⁴ Cf. «Ficha técnica» do n.º 43, de 30/05/31, p. 3.

²⁵ Cf. «Ficha técnica» do n.º 45, de 13/06/31, p. 2.

²⁶ Cf. «Ficha técnica» do n.º 53, de 8/08/31, p. 3.

possuía agora as suas instalações na Rua do Loreto, 42, primeiro andar. Os serviços de composição de impressão não registaram qualquer alteração.²⁷ A última novidade de 1931, foi a alteração do dia de publicação: a partir de Dezembro, o *Repórter X* começou a chegar às bancas e quiosques à 6.^a feira, situação que se manteve até à sua extinção.

De referir ainda que, durante a administração de Mimon Anahory, foi anunciado o lançamento, em Outubro, de um novo semanário, o **Detective X**, exclusivamente dedicado a «assuntos policiais», que prometia tratar um vasto e aliciante leque de matérias, desde «os segredos dos tribunais, prisões e degredos» às «grandes aventuras criminais da Europa, da América e da Ásia», na ideia de assim «contribuir para melhorar a sociedade portuguesa, ensinando-a a defender-se do crime.»²⁸ A promessa foi sendo reiterada meses sucessivos, sempre acompanhada com alusões ao número crescente de «pedidos de assinatura», mas não chegou a conhecer nem formato de papel, nem a cor da tinta.

O ano de 1932, trouxe o afastamento do chefe de redação, Mário Domingues, grande amigo de Reinaldo Ferreira e que, aparentemente, contribuiu como nenhum outro para a definição da linha editorial do *Reporter X*; durante as ausências do diretor, por razão das suas reportagens no estrangeiro ou por motivos de saúde, era ele que assumia a direção, zelando pela identidade do semanário, sem nunca desistir da sua continuidade. A saída de Mário Domingues não foi justificada, apenas mereceu uma pequena nota elogiosa, que também garantia a continuidade da sua colaboração.²⁹ Mas parece que teve origem em «divergências surgidas entre Mimon Anahory e Mário Domingues quanto à orientação do *Reporter X*».³⁰ Ainda que o afastamento de Mário Domingues – que se veio somar às ausências de Reinaldo – não se tenha refletido de um modo evidente nas páginas do semanário, vai-se notando no enfraquecimento da atitude vigilante e determinada na denúncia das injustiças sociais, desumanidades, preconceitos, etc. que grassavam pelo mundo; e também coincidiu com a aproximação de novos colaboradores que focalizavam a sua atenção em outros temas, o reforço da vertente literária (folhetins), a introdução de concursos, jogos e outros passatempos, informação sobre o cartaz de espectáculos, etc..

Depois de umas semanas de impasse, isto é sem chefe de redação, Costa Júnior assumiu a função, ao mesmo tempo que a «composição e impressão» eram entregues a uma empresa do Porto, a Tipografia das Publicações AOV – que, curiosamente, possuía o mesmo endereço da primeira oficina utilizada pelo *Repórter X*, na Cancela Velha, 39 – e reabriu-se a delegação na capital do Norte, na Rua Passos Manuel, 241.³¹

Como se a mudança de mês determinasse a procura de um novo hospedeiro, o escritório do *Repórter X* foi transitando por várias geografias: a Rua da Horta Seca, em Lisboa, 7 (n.º 93 a 95, de Maio)³²; a Rua da Picardia, no Porto (n.º 100, de Outubro); Rua Sampaio Bruno, (n.º 108, Dezembro); e findou na Rua das Flores (n.º 133). Esta

²⁷ Cf. “Expediente”, in n.º 76, 15/01/32, p. 13.

²⁸ Cf. “Detective X”, in n.º 55, 22/08/1931, p. 13.

²⁹ Cf. “Mário Domingues”, in n.º 75, de 8/01/1932, p. 5.

³⁰ Cf. Eduardo Sucena, *op. cit.*, p. 114.

³¹ Cf. n.º 78, de 30/01/32, p. 3.

³² Refira-se que, nesse período, a «Impressão e Composição» eram referenciadas pelo endereço, «Rua da Horta Sêca, 5» que pertencia às oficinas tipográficas da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, título disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/GazetaCF/GazetaCF.htm>.

itinerância teve paralelo na constante mudança de tipografia, mas não merece a pena referi-la.³³

No início de 1933, o *Repórter X* passou a ser «Propriedade das Edições X», e a sua produção passou a ser assegurada por duas equipas de redatores, uma de Lisboa e outra do Porto.³⁴ Mas o tempo d' *O Repórter X* estava nitidamente a esgotar-se. A ação dos que insistiam em mantê-lo vivo, ainda que movidos pelas mais belas e puras intenções, acabou por revelar-se um espetáculo confrangedor, que adulterou o seu espírito aguerrido e também profundamente humano. A 22 de Novembro de 1934, quando o *Repórter X* ainda fazia por cumprir o calendário, foi lançado em Lisboa o **X. Semanário de grandes reportagens**³⁵, por iniciativa da «Imprensa Beleza», com sede na Rua da Rosa 99 a 107; ostentava o nome de Reinaldo Ferreira como «Director», o de António Beleza como «Administrador» e o de Américo Faria como «Chefe de redacção». De acordo com a informação disponível totalizou 30 números, o último dos quais datado de 30 de Maio. Mas a 15 de Junho, o *Repórter X* despediu-se dos leitores com a seguinte advertência: «"Repórter X", propriedade da Sociedade Comercial Edições X, L^{da}, nada tem de comum com outro jornal que actualmente se publica na capital. Motivos superiores à nossa vontade tem impedido a regular publicidade dêste semanário, mas temos sobejas esperanças de que num futuro muito próximo, possamos vencer as dificuldades que nos têm inhibido de o fazer. Aqui fica, pois, o indispensável aviso e esclarecimento.» Com quem estava, afinal, o endiabrado repórter Reinaldo Ferreira? O mistério, se assim se pode designar, ficou por esclarecer. Reinaldo acabou por falecer a 4 de Setembro de 1935.

Rita Correia

Lisboa, 11 de Janeiro de 2016

³³ Quem tenha interesse em conhecer com maior detalhe as vicissitudes do *Repórter X* e do seu diretor Reinaldo Ferreira, sugerimos a obra que vem sendo citada de Eduardo Sucena, um dos seus biógrafos.

³⁴ Cf. n.º 110, de 17/02/1932, p. 2 e 3.

³⁵ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/xsemanariodegrandesreportagens/xsemanariodegrandesreportagens.htm>

BIOGRAFIA

Grande enciclopédia portuguesa brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, Lda., [s.d.].

Rêgo, Manuela ; SÁ, Luís (coord.) – *Reinaldo Ferreira : 1897–1935*. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, Departamento de Cultura, Divisão de Bibliotecas e Documentação, 1998. ISBN: 972-97129-3-X.

FAVA, Fernando Mendonça – «Repórter X: o artesão do fingimento». In *Biblos : Revista da Faculdade de Letras*. Universidade de Coimbra, n.º VIII (2010), pp. 307-335. Acessível na internet: <http://hdl.handle.net/10316.2/32600> [Consult. em 21/12/2015].

SUCENA, Eduardo – *O Fabuloso Repórter X*. Lisboa : Vega, 1996. ISBN: 972-699-513-2.

ⁱ REINALDO FERREIRA – Jornalista, escritor, cineasta e dramaturgo, nasceu em Lisboa, a 10/08/1897, cidade onde morreu, a 10/10/1935, com 38 anos. Filho de uma família humilde, depois de concluir o curso no Colégio Francês, de Lisboa, encontrou trabalho na indústria de tecidos, mas não demorou muito tempo a descobrir que tinha vocação e engenho para tecer outras matérias. Iniciou a sua carreira jornalística no diário *A Capital*, em 1914 [acessível na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ACapital/ACapital.HTM>], e rapidamente se fez notar, conquistando o direito a uma assinatura identificadora: *O Mundo*, *A Manhã*, *A Opinião*, *O Século* foram os primeiros jornais a ostentar as iniciais «R.F.», que começaram por identificá-lo como jornalista-repórter de espírito vigilante, sensível aos dramas sociais e senhor de uma escrita simples e muito empolgante. O pseudónimo «Repórter X», fruto de uma gralha tipográfica, nasceu mais tarde (1923), no diário *A Tarde*. Entre 1919 e 1924, Reinaldo percorreu a Europa e distribuiu a sua atividade pelo cinema e pela imprensa. Em França, foi colaborador do *Le Soir*, do *Le Matin*; em Espanha, conheceu as redações do *El Sol*, *El Liberal*, *Libertad* e *Heraldo*. Depois de regressar a Portugal, fixou residência no Porto, e as suas reportagens sensacionais aparecem publicadas numa infinidade de periódicos, além do já referido *A Tarde*, nomeadamente: *ABC*, *Correio da Manhã*, *Época*, *A Choldra* [acessível na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ACholdra/ACholdra.htm>], *Primeiro de Janeiro*, *Comercio do Porto*, *Ilustração* [acessível na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ilustracao/Ilustracao.htm>], *O Bandarra*; *Magazine Bertrand*, entre outros. Paralelamente, começou a publicar as suas histórias policiais, sob a forma de pequenos livros, que se tornaram muito populares. Escreveu dezenas, ao mesmo tempo que publicava na imprensa as suas reportagens sensacionais, abarcando uma grande variedade de temas e uma amplitude de espaços e tempos não menos impressionante. A sua criatividade, agudeza de espírito e capacidade de trabalho fizeram dele um mito. Ainda residia no Porto, quando se abalçou a fundar o seu primeiro semanário, *Homens & Factos do Dia*, a que se seguiu *O Jornal do Repórter X*. Mas foi em Lisboa, onde se instalou em 1930, que nasceu o seu jornal mais célebre e duradouro, *O Repórter X*; e onde estrearam as suas peças de teatro: «A Dama do Sud», «1808», «O Taxi n.º 9297» e o «Homem que mudou de cor».

ⁱⁱ MÁRIO DOMINGUES – Jornalista, escritor e editor, nasceu na Ilha do Príncipe a 3/07/1899 e faleceu na Costa da Caparica, a 24/03/1977. Concluiu o curso elementar de comércio no Colégio Francês, em Lisboa. Provavelmente foi aí que conheceu Reinaldo Ferreira, com quem partilhou uma sólida e longa amizade, firmada em ideias, valores e projetos comuns. Espírito sensível, sagaz e profundamente humano, deixou-se conquistar pelos ideais anarquistas e

participou ativamente na imprensa que os defendia. Foi chefe de redação d'A *Batalha*, colaborou no jornal anarquista *A Comuna*, do Porto, e na revista *Renovação*, entre outros. Também participou em grupos libertários, na organização do congresso anarquista da UAP e na fundação do Sindicato dos Profissionais da Imprensa. A partir de 1926, as suas reportagens, artigos, comentários, contos e novelas aparecem publicados na imprensa informativa ou generalista de maior projeção, como o *Século*, *Primeiro de Janeiro*, *Pátria*, *ABC*, *Ilustração*, *Magazine Bertrand*, *Civilização*, *Vida Mundial*, *Notícias de Lourenço Marques*, *Sol*, etc. Em 1930, Reinaldo Ferreira deu-lhe a chefia de redação do semanário *Repórter X*. Depois de ter sido afastado, fundou e dirigiu o semanário *O Detective*. Também fundou a «Editora Globo», de Lisboa, e publicou dezenas de romances policiais e de aventuras, sob diversos pseudónimos. O interesse que cultivava pela História ficou traduzido numa série de obras evocativas de épocas, temas e personagens.

iii ANTÓNIO GUEDES DE AMORIM – Escritor e jornalista, nasceu em Sedielos, Peso da Régua, a 26/10/1901, e faleceu em Lisboa, a 11 de Março de 1979. Foi escritor e jornalista português. Foi um autodidata e construiu uma carreira brilhante. Começou por redigir artigos na imprensa académica e pequenas peças de teatro. Criativo, sensível e senhor de uma prosa vibrante, rapidamente ganhou a notoriedade necessária para entrar na imprensa profissional. Começou no Porto. Teria cerca de 20 anos quando se tornou colaborador de *A Tribuna*, seguiu-se a *Montanha*, *Diário do Porto*, *Jornal de Notícias*, *A Ilustração*, *a Civilização*, *a Magazine Bertrand*; entretanto, foi convidado a colaborar em jornais de África e do Brasil, como *Pátria Portuguesa* e *A Noite*, do Rio de Janeiro, e o *Notícias*, de Lourenço Marques. Ainda estava no Porto quando Reinaldo Ferreira o desafiou para participar no semanário *Repórter X*. Depois de se instalar em Lisboa, a sua actividade alargou-se a outros periódicos, como *ABC*, *Novidades*, *Diário Liberal*, *Diário da Manhã*, *Século* e *Século Ilustrado*, *Diário Popular*, entre outros. Também redigiu e publicou algumas novelas e romances – um dos quais, distinguido pela Academia de Ciência de Lisboa, em 1939, com o prémio «Ricardo Malheiro». Dedicou-se ainda a tradução.